

## TERMINOLOGIA, METÁFORA E OUTROS FENÔMENOS QUE DESAFIAM O PRINCÍPIO DA UNIVOCIDADE: ANÁLISE QUALITATIVA DE UNIDADES TERMINOLÓGICAS

Tamara Melo de Oliveira\*

**RESUMO:** Neste trabalho, analisamos duas unidades lexicais (abertura e alçamento/elevação) presentes no Dicionário de Linguagem e Linguística (TRASK, 2004), com o intuito de verificar a existência de metáfora, polissemia, homonímia e sinonímia nesses termos. O objetivo dessa análise é mostrar que esses fenômenos estão presentes na constituição das terminologias, ao contrário do que pretendiam as teorias clássicas terminológicas, que postulavam a ausência de ambiguidades na constituição dos termos, defendendo, assim, o princípio da univocidade. Como bases teóricas, utilizamos, principalmente os postulados da Teoria Comunicativa da Terminologia e os da Teoria Sociocognitiva da Terminologia, que defendem a importância de se considerarem, na constituição de terminologias, a presença de elementos linguísticos não desejados pelas teorias clássicas. A abordagem de metáfora utilizada é a Teoria da Metáfora Conceitual.

**PALAVRAS-CHAVE:** Terminologia – Metáfora – Princípio da univocidade

**ABSTRACT:** In this article, we investigate two lexical units (abertura e alçamento/elevação) from the Dicionário de Linguagem e Linguística (TRASK, 2004), aiming to assess the existence of metaphor, polysemy, homonymy and synonymy in these terms. The aim of this analysis is to show that these phenomena are present in the organization of terminologies, in spite of the desires of the classic theories of Terminology, that postulated the lack of ambiguity in the constitution of terms, arguing for the principle of univocity. As our main theoretical foundations, we use the postulates of the Communicative Theory of Terminology and of the Sociocognitive Theory of Terminology, that argue for the importance of considering the presence of linguistic elements unwanted by the classic theories in the constitution of terminologies. The approach to metaphor used in this work is the Conceptual Metaphor Theory.

**KEYWORDS:** Terminology – Metaphor – Principle of univocity

### INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento dos estudos relativos às unidades terminológicas, houve uma mudança de perspectiva a respeito do lugar da Terminologia dentro dos estudos da linguagem. Primeiramente, a Terminologia não era considerada como parte da Linguística, uma vez que se considerava que as unidades terminológicas não deveriam ter certas propriedades características das unidades lexicais da língua geral. Fenômenos como a mudança de significado e a não precisão dos significados linguísticos não eram bem-vindos na constituição dos termos nessa primeira concepção de Terminologia. Também não era bem-vinda a existência de mais de um termo para o mesmo conceito,

\* Mestranda em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ou de mais de um conceito para o mesmo termo (princípio da univocidade). As novas abordagens terminológicas, entretanto, defendem a inserção do estudo dos termos na Linguística, uma vez que se evidenciou que as unidades terminológicas se comportam como as unidades não especializadas da língua; elas compartilham características em vários âmbitos, como na morfologia, na fonologia e na semântica. Partindo dessa discussão a respeito do lugar da terminologia nos estudos da linguagem, analisamos duas unidades terminológicas presentes na tradução para o português do Dicionário de Linguagem e Linguística de R. L. Trask. Pretendemos, com essa análise, evidenciar a presença de fenômenos linguísticos considerados, pelas abordagens tradicionais da Terminologia, como alheios à organização eficiente do conhecimento de uma dada disciplina. Mais precisamente, procuraremos evidenciar a presença de metáforas, de polissemia, de homonímia e de sinonímia nas unidades terminológicas analisadas, uma vez que esses são fenômenos pervasivos na língua.

Para tanto, neste trabalho, faremos um breve percurso por alguns pontos importantes dos estudos terminológicos, como as principais diferenças entre as abordagens clássicas e as modernas. Em seguida, apresentaremos brevemente a Teoria da Metáfora Conceitual, pois é a partir de sua concepção de metáfora que procedemos a nossa análise. Finalmente, apresentaremos a análise das unidades terminológicas *abertura* e *alçamento/elevação*, buscando averiguar nelas a existência de características linguísticas indesejadas à visão clássica da Terminologia.

## A TERMINOLOGIA

A Terminologia é o campo ou disciplina que se dedica ao estudo dos termos e conceitos das linguagens de especialidade. Seu objeto primordial são as unidades terminológicas de determinadas áreas, entendidas como unidades lexicais utilizadas por essas áreas com o fim de representar os conceitos relevantes às suas práticas. Trata-se de um campo em que teoria e prática estão intimamente relacionadas, pois juntamente ao objetivo de compreender a constituição do conjunto de termos de uma área, a Terminologia também busca fornecer suporte à elaboração de ferramentas de aplicação prática, como glossários e dicionários especializados, que podem ser utilizados tanto para facilitar a comunicação entre profissionais de uma área específica, bem como para facilitar o acesso de não especialistas ao conhecimento dessa área. Essas aplicações se tornam ainda mais importantes em um contexto multilíngue, em que há a necessidade de se haver trocas de conhecimento entre indivíduos de diferentes realidades socioculturais.

O objeto dessa disciplina, as unidades terminológicas, é compreendido como a união entre três dimensões: a cognitiva, a linguística e a comunicativa. A dimensão cognitiva está relacionada aos conceitos, que dizem respeito às parcelas de conhecimento de uma área e que são alvo das definições. A dimensão linguística está relacionada às formas de representação desse conceito. A dimensão comunicativa, por sua vez, ocupa-se de investigar o uso dos termos (SAGER, 1990). Como veremos

adiante, é, principalmente, a partir da ênfase dada a cada uma dessas dimensões, que se diferenciam as teorias que tratam desse tema.

Apesar de o uso de unidades terminológicas ser uma prática muito antiga, foi somente na segunda metade do século XX que a Terminologia se desenvolveu de forma mais expressiva. Esse desenvolvimento se deu com o surgimento de algumas escolas que fizeram a Terminologia se fixar como uma disciplina, como a escola de Viena, a de Praga e a Russa. Tais escolas, hoje conhecidas como escolas clássicas da Terminologia, apresentam muitas características similares, que, mais tarde, foram amplamente criticadas por teorias mais modernas, voltadas ao estudo terminológico por um viés diferenciado. Nesta seção, apresentamos brevemente algumas características dessas teorias, dicutindo a oposição entre essas duas vertentes do pensamento terminológico.

### ESCOLAS CLÁSSICAS

As escolas de Viena, de Praga e a Russa, conhecidas como escolas clássicas da terminologia, foram as primeiras fontes de reflexão sistemática a respeito das unidades terminológicas. Essas escolas compartilham algumas características na sua visão sobre a Terminologia, como a valorização da dimensão cognitiva em detrimento das demais e a busca pela padronização dos termos (KRIEGER & FINATTO, 2004). Isso quer dizer que os elementos fundamentais de uma terminologia<sup>1</sup> são os conceitos: unidades que, para essas escolas, podem ser precisamente delimitadas e ter seu lugar dentro do sistema conceitual da disciplina definidos de maneira exata, antes de sua denominação. Dada uma delimitação inequívoca desses conceitos, coloca-se a tarefa de padronizar sua denominação, de modo a garantir o princípio de univocidade, de acordo com o qual, cada conceito deveria ser designado por apenas um termo, e cada termo deveria se referir a apenas um conceito (TEMMERMAN, 2000, p. 10). A preocupação com essas questões levou Eugen Wüster, fundador da escola de Viena, a criar o comitê 37 da ISO, baseado nesses princípios, com o intuito de regulamentar a prática terminológica (CABRÉ, 2006).

Também foi Wüster quem formulou a teoria clássica mais influente nos estudos da época, a Teoria Geral da Terminologia (TGT), que, entre outras coisas, defendia a separação total entre a Terminologia e a Linguística. Wüster não era linguista, e sim um engenheiro eletrônico que viu necessidade em formular uma teoria que possibilitasse uma comunicação eficiente e sem ambiguidades entre profissionais de uma mesma área. Buscando esse propósito, Wüster defende a intervenção na constituição de terminologias, a fim de obter uma padronização, o que caracteriza sua abordagem como prescritiva (CABRÉ, 2006). O significado, como concebido pela linguística, não tem lugar na teoria de Wüster, visto que ele pode ser variável; na abordagem wüsteriana, os termos expressam conceitos, entendidos como unidades de conhecimento únicas e invariáveis.

<sup>1</sup> Grafada com “t” minúsculo, terminologia é entendida como o conjunto de unidades terminológicas de uma área.

## TEORIAS MODERNAS

Apesar da grande influência da TGT e do seu papel importante na consolidação da disciplina, inúmeras reações críticas a essa teoria surgiram no fim do século XX. Essas teorias consideram, além da dimensão cognitiva, os aspectos linguístico e comunicativo das unidades terminológicas. As críticas endereçadas à TGT apontam o reducionismo de uma teoria que não considera o termo como uma unidade linguística que é utilizada em diferentes contextos comunicativos. A percepção dessas insuficiências levou ao desenvolvimento da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), proposta por Maria Teresa Cabré. Um dos pontos importantes da TCT é a ênfase na análise das unidades terminológicas em seu uso real. Trata-se de uma abordagem descritiva, que se opõe à análise wüsteriana, visto que esta partia de uma idealização dos conceitos para a prescrição de termos. Nesse tipo de análise descritiva, conforme Cabré, observa-se que “os dados terminológicos (...) são menos sistemáticos, menos unívocos e menos universais que os observados por Wüster em seu *corpus* normalizado” (CABRÉ, 2006).

Na TCT, existe uma valorização do componente linguístico, uma vez que a Terminologia é integrada ao estudo do léxico. As unidades terminológicas são, agora, consideradas como signos linguísticos e como pertencentes às línguas naturais. Dessa forma, as unidades terminológicas fazem parte da gramática de uma língua e têm, assim, propriedades de unidades linguísticas. Além disso, as unidades terminológicas não são concebidas como unidades essencialmente distintas das palavras; elas são tratadas como valores especializados das unidades lexicais de uma língua, ou seja, uma unidade lexical não é em si nem terminológica nem não terminológica: ela pode adquirir valor terminológico (CABRÉ, 2006).

Outra teoria que surgiu em resposta à TGT é a Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST), elaborada por Rita Temmerman (2000) e ancorada nos pressupostos da Linguística Cognitiva. Essa teoria contesta a crença da abordagem wüsteriana de que o sistema conceitual de uma área já se encontra delimitado de maneira precisa, antes mesmo de sua denominação. Para Temmerman, a própria utilização dos termos participa da estruturação dos conceitos de uma área. Além disso, a TST, como já havia feito Cabré com a TCT, critica fortemente o princípio de univocidade adotado pela TGT, princípio que surgiu com o desejo de eliminar ambiguidades e que, dessa forma, descarta a presença de polissemia, homonímia e sinonímia nas terminologias. Em uma abordagem sociocognitiva, Temmerman defende a importância de se considerarem tais relações, uma vez que as unidades terminológicas fazem parte do sistema linguístico, e dentro desse sistema esse tipo de relação é naturalmente estabelecido e pode proporcionar vantagens funcionais; com a polissemia, por exemplo, garante-se a flexibilidade da categorização do conhecimento de uma área, visto que o entendimento dos conceitos pode se modificar gradualmente ao longo do tempo com as mudanças sociais e com o surgimento de novas tecnologias, sem que isso torne necessária uma revisão completa da terminologia em questão.

Além da importância dada às relações de sinonímia, homonímia e polissemia existentes entre as unidades terminológicas, Temmerman valoriza o papel da metáfora na constituição das terminologias, ao passo que, para a TGT, a linguagem figurada deveria ser eliminada e substituída por equivalentes literais. A TST considera a importância dos modelos metafóricos para facilitar o entendimento do mundo; esse entendimento, por sua vez, pode ser expressado através da linguagem. A metáfora também é vista como um dos principais mecanismos diacrônicos de extensão semântica responsáveis pelas diferenças sincrônicas entre os conceitos polissêmicos.

As considerações de Temmerman vão ao encontro da teoria de Cabré, uma vez que esta defende que as unidades terminológicas fazem parte do sistema linguístico e, assim, estão afetadas pelas mesmas condições que afetam as unidades não terminológicas, sejam estas condições fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas ou pragmáticas. Levando em consideração os pressupostos de Cabré e Temmerman, percebemos a importância de evidenciar algumas dessas características através de uma breve análise de duas unidades terminológicas. A partir dessa análise, indicamos a existência de desvios do princípio wüsteriano da univocidade, que não aceita relações de sinonímia, homonímia e polissemia; relações essas muito comuns em unidades não terminológicas. Além disso, daremos atenção à presença de metáforas nas denominações terminológicas e na definição de conceitos. Para a análise das metáforas encontradas nas unidades terminológicas, nos baseamos na Teoria da Metáfora Conceitual, apresentada na próxima seção.

## TEORIA DA METÁFORA CONCEITUAL

Tradicionalmente, a metáfora era vista como um adorno da linguagem, um recurso estilístico utilizado para obter efeitos que a linguagem ordinária não poderia proporcionar. Inserida na abordagem de estudos semânticos da Linguística Cognitiva, a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980), surgiu para mostrar a inadequação dessa visão tradicional, conhecida como a visão clássica da metáfora. A TMC enxerga a metáfora como um fenômeno que existe além da linguagem, ou seja, ela não está presente somente em palavras ou frases. Segundo essa teoria, as metáforas estão fortemente estruturadas no nosso sistema conceitual e, assim, elas estão presentes no nosso pensamento e na forma como compreendemos o mundo. Deixando de ser entendida apenas como um fenômeno estilístico ou como uma figura de linguagem, a metáfora passa a ser concebida como um fenômeno amplamente produtivo na língua, inclusive quando não há nenhuma intenção estilística por trás de seu uso. De acordo com Temmerman (2000), as linguagens de especialidade, assim como a linguagem cotidiana, evidenciam expressões metafóricas, justamente por estas serem uma ferramenta essencial na organização de nosso conhecimento.

Para Lakoff e Johnson, existem mapeamentos metafóricos no nosso sistema conceitual que podem ser evidenciados através da linguagem. Cabe, então, fazermos a distinção entre as metáforas evidenciadas linguisticamente – as metáforas linguísticas –

e aquelas presentes no sistema conceitual – as metáforas conceituais. A metáfora conceitual é formada por um mapeamento entre dois domínios conceituais. Um desses domínios é mais concreto, mais bem estruturado e mais acessível aos sentidos. O outro é mais abstrato, menos acessível aos sentidos e, por isso, baseia-se na estruturação do primeiro. O domínio mais concreto é chamado de ‘domínio fonte’, enquanto aquele que se baseia no domínio fonte é denominado ‘domínio alvo’. Podemos exemplificar um mapeamento utilizando o domínio fonte PESO, já bem organizado no sistema conceitual, e o domínio alvo DIFICULDADE, não tão bem estruturado. Uma vez que o segundo é menos estruturado, este se baseia na estruturação conceitual existente para o primeiro. Assim, teríamos a metáfora conceitual DIFICULDADE É PESO, que origina uma série de metáforas linguísticas como *Tive um dia pesado hoje* ou *O último interrogatório foi mais leve do que os anteriores*.

Tendo em vista o modo como são entendidas as metáforas dentro da TMC, partimos para a análise das unidades terminológicas, que será apresentada na próxima seção.

## ANÁLISE DE UNIDADES TERMINOLÓGICAS

As unidades terminológicas aqui discutidas fazem parte da terminologia dos estudos linguísticos e foram encontradas na tradução para o português do Dicionário de Linguagem e Linguística de R. L. Trask (2004). Cabe ressaltar que se trata de uma análise qualitativa de algumas unidades; não é intenção desse trabalho fornecer valores ou estatísticas de ocorrência metafórica nem da existência de relações semânticas de qualquer tipo. Pretendemos, sim, analisar alguns casos em que fica evidente a presença dessas ocorrências, com o intuito de tornar mais clara sua manifestação na organização do conhecimento dessa disciplina.

Para nos auxiliar na identificação das metáforas presentes nos termos que analisamos, baseamo-nos no método desenvolvido pelo Pragglejaz Group (2007), o Procedimento de Identificação de Metáforas (PIM). As etapas desse procedimento envolvem:

1. Leitura e entendimento geral do texto/discurso;
2. Determinação das unidades lexicais a serem analisadas;
3. a) Determinação do significado contextual das unidades analisadas;
  - b) Busca por um significado mais básico do que o significado utilizado no contexto;
  - c) Comparação das duas unidades: se a unidade analisada tem um significado mais básico do que o utilizado no contexto, decidir se o significado contextual se opõe ao significado mais básico, mas pode ser entendido em comparação a ele;
4. Em caso afirmativo, marcação da unidade como metafórica.

Segundo o Pragglejaz Group (2007), os significados mais básicos tendem a ser mais concretos (mais acessíveis aos sentidos), relacionados ao funcionamento do corpo, mais precisos, historicamente mais antigos, ainda que não necessariamente mais frequentes. A partir disso, então, foi feita a análise dos itens. Para nos auxiliar na determinação do significado mais básico, utilizamos o Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (HOUAISS, 2001)<sup>2</sup>. Apesar de utilizarmos os critérios estabelecidos pelo PIM, não detalharemos sua aplicação na análise de cada unidade, por questões de espaço. Abaixo, seguem as análises.

### UNIDADE TERMINOLÓGICA 1: ABERTURA (*OPEN-ENDEDNESS*)

A primeira análise foi feita a partir da unidade terminológica “abertura”, traduzida do inglês “*open-endedness*”. Parte de sua definição, presente no Dicionário de de Linguagem e Linguística (DLL), está reproduzida abaixo.

“abertura (*open-endedness*) - A propriedade da linguagem que permite que a usemos para dizer coisas novas, sem limites. (...) Não temos a menor dificuldade para produzir e compreender enunciados completamente novos, que nunca usamos ou ouvimos antes, e na verdade é isso mesmo o que fazemos a todo momento: a maioria dos enunciados que produzimos e ouvimos dia após dia, com toda a probabilidade, nunca foram produzidos anteriormente por ninguém. (...) A capacidade ilimitada de produzir e compreender enunciados totalmente novos é chamada **abertura (*open-endedness*)**, e deveria ter ficado claro para o leitor que, sem ela, nossas línguas e até mesmo nossas vidas seriam diferentes do que são, irreconhecíveis. Provavelmente, nenhuma outra característica da língua ilustra de maneira tão espetacular a distância insuperável que separa a língua humana dos sistemas de sinalização de outras espécies. (...) A importância da abertura foi percebida pelos linguistas há várias décadas; o termo ***open-endedness*** foi criado pelo lingüista americano Charles Hockett na década de 1960, mas outros preferiram às vezes os rótulos ***produtividade*** ou ***criatividade***.” (TRASK, 2004, pág. 15)

Na análise desse termo, o primeiro ponto que desejamos ressaltar é a presença de sinonímia na denominação desse conceito, mencionada na própria definição, aqui repetida: “outros preferiram às vezes os rótulos ***produtividade*** ou ***criatividade***”. Percebemos, já aqui, um falseamento do princípio wüsteriano da univocidade. Uma vez que três termos (*abertura*, *produtividade* e *criatividade*) podem ser utilizados para denominar o mesmo conceito, embora cada um deles possa trazer conotações características de diferentes correntes de estudo.

<sup>2</sup> O PIM sugere que se procure o significado mais básico do item lexical em outros contextos, mas não especifica como fazer isso. Uma forma que encontramos de buscar outros significados do mesmo item lexical foi com o auxílio de um dicionário de língua geral. Cabe deixar claro que o significado mais básico do item lexical não é um termo, mas, sim, uma unidade lexical da língua geral. Por esse motivo, utilizamos um dicionário de língua geral para a consulta.

Seguindo os passos do PIM para identificar a possível existência de metáfora na denominação do termo, recorreremos ao dicionário Houaiss na busca pelo significado mais básico de *abertura*, que traz, como parte da definição dessa unidade lexical, o seguinte:

“abertura *s.f*(sXIV cf. IVPM) ato ou efeito de abrir(-se); abrimto. 1. ato ou efeito de desobstruir; de desimpedir 2. *p.ext.* orifício numa superfície qualquer; buraco, fresta 3 ato ou efeito de descerrar(-se), de separar as partes contíguas ou móveis de 4 ato ou efeito de romper e/ou tirar o invólucro de 5 ato ou efeito de tornar acessível 6 ato ou efeito de permitir a entrada 7 primeiro momento; começo, início, princípio 8 solenidade inaugural; inauguração” (HOUAISS, 2001, p. 15)

Comparando a definição do termo *abertura* no DLL com a definição encontrada para esse item lexical no Dicionário Houaiss, de acordo com os critérios sugeridos pelo PIM, percebemos a existência de metáfora na denominação do termo. Identificamos como significado mais básico aquele presente na acepção 1 do Dicionário Houaiss, valendo-nos, também da observação do PIM de que o significado mais básico tende a ser mais concreto, e o significado metafórico tende a ser mais abstrato. Dessa forma, identificamos o significado presente na definição do termo como uma metáfora decorrente do significado mais básico do item lexical. Seguindo a Teoria da Metáfora Conceitual, poderíamos discutir qual seria o mapeamento conceitual dessa metáfora. Tendo em vista que, literalmente, a linguagem não pode se abrir, podemos imaginar que existe uma associação de *linguagem* com algo mais concreto, que pode se abrir, por exemplo, *recipiente*. Dessa forma, teríamos, possivelmente, a metáfora conceitual A LINGUAGEM É UM RECIPIENTE.

Foram encontradas metáforas também na definição dessa unidade terminológica no DLL, por exemplo, nos itens *distância* e *separa*, que, no contexto da definição (“a **distância** insuperável que **separa** a língua humana dos sistemas de sinalização de outras espécies” (grifo nosso)) não fazem uso de seus significados literais, uma vez que sistemas simbólicos, como a língua, não são pontos no espaço físico sobre os quais medidas de distância e separação possam ser mensuradas.

A existência de metáforas na denominação do termo e em sua definição traria problemas para a teoria de Wüster, pois, para ele, a metáfora é vista somente como linguagem figurada e seria alheia aos propósitos de precisão defendidos por ele. Esses são exemplos de que o ideal wüsteriano de substituição de itens lexicais metafóricos por equivalentes literais pode não ser seguido na construção das terminologias, sem que isso comprometa a clareza das definições.

## UNIDADE TERMINOLÓGICA 2: ALÇAMENTO/ELEVAÇÃO (*RAISING*)

Outra unidade terminológica analisada foi *alçamento/elevação*, traduzida do inglês *raising*. O próprio dicionário da área traz esses dois termos na mesma entrada, percebendo-se, assim, outro caso de sinonímia na denominação terminológica e, em

decorrência disso, mais um exemplo de desrespeito à univocidade wüsteriana. A definição desses termos apresenta-se parcialmente reproduzida abaixo.

“alçamento/elevação (*raising*) - Qualquer um dos vários fenômenos em que um elemento linguístico aparece numa oração mais alta do que seria semanticamente adequado. Considere-se a sentença *Parece que Suzana está caindo no sono*. Aqui, *Suzana* é, lógica e gramaticalmente, o sujeito do sintagma nominal *está caindo no sono* no interior da oração mais baixa, a subordinada. Mas a mesma informação pode ser expressa de outra maneira: *Suzana parece estar caindo no sono*. Nessa sentença, *Suzana*, que continua sendo o sujeito lógico de *estar caindo no sono*, tem o papel de sujeito gramatical de *parece*. Neste caso, dizemos que *Suzana* foi **alçado**, ou elevado, da oração mais baixa para a oração mais alta, e como a unidade que sofreu alçamento é o sujeito da oração mais baixa, chamamos a esse fenômeno de **alçamento do sujeito**, mais exatamente de alçamento de sujeito a sujeito, porque o elemento alçado é guindado à posição de sujeito da oração mais alta.” (TRASK, 2004, p. 24)

Como se trata de um item com duas denominações, tratamos de verificar as definições presentes para cada uma delas no dicionário de língua geral. Abaixo seguem partes relevantes dessas definições.

“alçamento *s.m.* (sXIII cf. IVPM) ato ou efeito de alçar(-se)” (HOUAISS, 2001, p. 141)

“alçar *v.* (1265 cf. Portel) 1 *t.d.bit. e pron.* tornar(-se) mais alto; altear(-se), erguer(-se), levantar(-se) 2 *t.d.* realizar a construção de; edificar, erigir 5 *t.d.pred.* colocar (alguém o algo) [em posição de destaque, comando, glória]; nomear, eleger, entronizar 6 *pron.* alcançar posição de destaque em; elevar-se” (ibid., p. 142)

“elevação *s.f.* (1537 Pnum 65) 1 ato ou efeito de elevar(-se) 2 altura a que algo é erguido; alto, alteamento 3 LING us. pelos falantes quando atentos à correção gramatical, à escolha das palavras, à construção sintática e à pronúncia (diz-se de um nível de língua)” (ibid., p. 1111)

Comparando a definição dos termos *alçamento* e *elevação* no DLL com as definições encontradas para esses itens no Dicionário Houaiss, de acordo com os critérios sugeridos pelo PIM, percebemos, mais uma vez, a existência de metáfora na denominação dos termos. Como, literalmente, um elemento linguístico não pode sofrer uma elevação ou um alçamento (a não ser que imaginemos uma frase escrita em um papel que é elevado, o que não é o conceito desse termo), estamos diante de mais denominações terminológicas metafóricas. Podemos pensar que a metáfora conceitual que gera essa metáfora linguística é IMPORTÂNCIA É ALTURA, uma vez que se trata de um conceito em que um item presente em uma oração subordinada passa a fazer parte da oração principal, a mais importante. Essa metáfora conceitual mostra-se produtiva na própria definição do conceito, onde encontramos atualizações linguísticas dela. Exemplos disso são: *um elemento linguístico aparece numa oração mais alta*

(grifo nosso) ou *a unidade que sofreu alçamento é o sujeito da oração **mais baixa*** (grifo nosso) ou ainda *o elemento alçado é **guindado** à posição de sujeito* (grifo nosso), *guindar* significando ‘deslocar algo para cima, içar, elevar’.

Uma amostra da importância da metáfora na organização do conhecimento de uma especialidade é o fato de que, na unidade terminológica em questão, além de uma metáfora ter sido utilizada na denominação do conceito, a metáfora conceitual na qual ela se baseia também foi utilizada na própria definição do conceito. Podemos dizer que o próprio entendimento que os especialistas têm do conceito em questão se vale desse mapeamento metafórico. Essa observação está em consonância com a ideia de Temmerman de que o próprio uso dos termos desempenha um papel importante no entendimento de uma área, visto que eles manifestam mapeamentos metafóricos que são utilizados na própria definição que os especialistas dão para o conceito em questão.

Outra questão importante na análise dessa unidade terminológica é o fato de ela poder assumir um valor terminológico diferente do definido no DLL, mesmo dentro da mesma área de estudo – a Linguística. Isso pode ser atestado por meio da definição do item lexical *elevação* no dicionário Houaiss, que traz a acepção 3, referente ao registro utilizado pelos falantes atentos à correção de seu uso da língua. Além disso, sabemos que *elevação* também é utilizado na fonética e na fonologia para designar “um processo vertical afetando a altura da língua” (CRYSTAL, 2008, p. 402). Percebemos, assim, outro tipo de violação ao princípio da univocidade: além de já termos atestado a existência de mais de um termo para o mesmo conceito (*elevação* e *alçamento*), identificamos a existência de mais de um conceito (nesse caso, três) sendo designado pelo mesmo termo (*elevação*). Não entraremos na questão de estarmos diante de um caso de polissemia ou de homonímia, pois, apesar de encontrarmos uma relação de sentido entre os três conceitos (o que poderia caracterizar polissemia), essas relações nos parecem muito fracas e distantes (o que poderia caracterizar homonímia).

Gostaríamos de fazer uma última observação a respeito das unidades terminológicas analisadas neste trabalho. A tradução do DLL traz, junto a cada termo, o seu correspondente em inglês. Por meio dessa informação, averiguamos que as duas unidades analisadas por nós apresentam as mesmas metáforas conceituais nas duas línguas. Esse é um fato importante para os estudos terminológicos, principalmente no âmbito da tradução, pois, se considerarmos a metáfora como um fenômeno cognitivo que existe antes mesmo de se materializar linguisticamente, alguns mapeamentos teriam uma universalidade potencial. Assim, manter, na tradução de termos, um mapeamento metafórico que foi utilizado em uma língua para a conceitualização de uma determinada área estudo, além de garantir uma uniformidade na terminologia internacional da área, facilitaria a compreensão da disciplina pelos falantes da língua-alvo, na medida em que estes podem contar com os mesmos recursos conceituais de que se valeram os falantes da língua-fonte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentamos a análise de duas unidades terminológicas, a fim de verificar a presença de elementos linguísticos, como a metáfora, a sinonímia, a homonímia e a polissemia nessas unidades. Como, para a TCT e para a TGT, o estudo de uma terminologia faz parte do estudo do léxico das línguas, é natural encontrarmos, nas unidades terminológicas, as mesmas características lexicais presentes em unidades não terminológicas.

Contrariando o princípio wüsteriano da univocidade, encontramos, nos dois casos analisados, mais de um termo sendo utilizado para o mesmo conceito. Além disso, encontramos, em um dos casos, conceitos diferentes da mesma área sendo designados pelo mesmo termo. Esse achado está em consonância com a preocupação de Cabré de inserir a Terminologia nos estudos linguísticos, uma vez que os termos são regidos pelas mesmas propriedades das unidades lexicais não terminológicas. Na análise desses casos, então, percebemos que fenômenos como a sinonímia, a polissemia e a homonímia podem estar presentes nas unidades terminológicas, sem que isso comprometa a eficiência comunicacional de uma área, pois, assim como acontece com a linguagem geral, espera-se que as unidades lexicais terminológicas também possam ser desambiguadas através de seu contexto.

No que diz respeito às metáforas, percebemos sua presença nas denominações das duas unidades terminológicas analisadas. Além disso, encontramos, em uma das unidades, uma metáfora conceitual manifestando-se linguisticamente tanto na denominação do conceito quanto na definição deste. Se pensarmos que, além de fixar o conhecimento de uma área, o termo também tem a função comunicacional de favorecer a transmissão desse conhecimento, podemos enxergar a metáfora como uma facilitadora dessa transmissão, uma vez que os falantes podem utilizar-se de mapeamentos conceituais pré-existentes em seus sistemas conceituais para auxiliar o entendimento de conceitos mais abstratos. Dessa forma, percebemos a metáfora como um fenômeno importante para a constituição de uma terminologia.

Com esse estudo, ressaltamos a importância do tipo de trabalho descritivo proposto pelas escolas modernas da Terminologia, na medida em que ele nos permite entender como os recursos linguísticos são efetivamente utilizados por especialistas para facilitar o avanço de suas áreas de conhecimento. Uma abordagem prescritiva da disciplina corre o risco de impor à prática terminológica uma série de concepções que, embora tenham algum apelo intuitivo, como o princípio de univocidade, não acarretam, de fato, uma melhora na eficiência da comunicação dentro de uma especialidade.

## REFERÊNCIAS

- CABRÉ, Maria Teresa. Morfología y Terminología. In: FELÍU, Elena (ed.). *La Morfología a Debate*. Jaén: Universidad de Jaén. 131-144, 2006.
- CRYSTAL, David. *A Dictionary of Linguistics and Phonetics*. Hoboken: Willey-Blackwell, 2008.

HOUAISS, Antônio. *Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

PRAGGLEJAZ GROUP. "MIP: a method for identifying metaphorically used words in discourse". *Metaphor and Symbol*, Santa Cruz (US), v. 22, n. 1, p. 1-39, 2007.

SAGER, Juan C. *A Practical Course in Terminology Processing*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

TEMMERMAN, Rita. *Towards New Ways of Terminology Description: the sociocognitive approach*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

TRASK, Robert Lawrence. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Tradução Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.